

Memórias póstumas de Brás Cubas e o Ser-para-a-morte de Heidegger¹

Posthumous Memoirs of Brás Cubas and Being-toward-death of Heidegger

Carlos Mário Paes Camacho²
carlosmariodegraus@hotmail.com

Resumo

As bases do pensamento fenomenológico de Heidegger estão intrinsecamente relacionadas à criação de um projeto de hermenêutica. Martin Heidegger aborda a questão do ser-para-a-morte no primeiro capítulo da segunda seção de *Ser e tempo*. As reflexões sobre a morte precedem a ontologia da vida. O ser-para-a-morte é o antecipar poder-ser, no que concerne à sua possibilidade mais extrema. Diante disso, é possível considerar que Brás Cubas tem a condição de um Ser-no-mundo temporal e finito. A narrativa machadiana, em *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, conduz o leitor a conhecer a trajetória do protagonista que, conforme *Ser e tempo* de Heidegger, é um ser para-a-morte.

Palavras-chave: Ser. Morte. Brás Cubas. Literatura. Religião.

Abstract

The foundations of Heidegger's phenomenological thought are intrinsically related to the creation of a hermeneutic project. Martin Heidegger deals with the question of Being-toward-death in the first chapter of the second section of *Being and Time*. The reflections about death precede the ontology of life. The Being-toward-death is the anticipation of the potency concerning its most extreme possibility. Thus, one can assume that Brás Cubas has the condition of a finite and temporal Being-in-the-world. The Machadian narrative in *Memórias Póstumas de Brás Cubas* makes the reader acquainted with the path of the protagonist that, according Heidegger's *Being and Time*, is a Being-toward-death.

Keywords: Being. Brás Cubas. Literature. Religion.

I. O Ser-para-a-morte de Heidegger.

Nascido na Alemanha em 1889, Heidegger teve a sua trajetória intelectual determinada pela convivência com Husserl, no que concerne aos estudos acerca da fenomenologia. A relação entre ambos, todavia, ficou abalada com a publicação, em

¹ Texto referente a uma comunicação apresentada na 3ª Semana de Ciência da Religião da UFJF, realizada entre os dias 6 e 9 de outubro de 2014.

² Doutor em Letras pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Doutorando em Ciência da Religião na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor do Instituto de Laticínios Cândido Tostes (ILCT/JF).

1927, de *Ser e tempo*, que é considerada por muitos comentadores como a sua obra obra-prima em relação à fenomenologia (Cerbone, 2012, p. 66). Na visão de Edmund Husserl, Martin Heidegger preteriu as questões fulcrais fenomenológicas e enveredou para uma abordagem antropológica. Posto isso, pode-se perguntar: como Heidegger construiu as bases do seu pensamento fenomenológico?

Inicialmente, é imperativo sublinhar que o autor de *A caminho da linguagem* considera que a chamada "fenomenologia fundamental" está elencada à questão do ser. O corolário disso é que as questões em torno do ser orientam Heidegger em *Ser e tempo*. Por isso, no primeiro capítulo da obra em questão, o pensador expõe ao leitor uma série de argumentos sobre a necessidade de se retomar e reformular as indagações em relação ao ser. O filósofo quer rever a ontologia antiga cuja base é de forte influência platônica. Nas palavras do próprio pensador:

E não só isso. No solo da arrancada grega para interpretar o ser, formou-se um dogma que não apenas declara supérflua a questão sobre o sentido do ser, como lhe sanciona a falta. Pois se diz: "ser" é o conceito mais universal e mais vazio. Como tal, resiste a toda tentativa de definição. Todo mundo emprega constantemente e também compreende o que ele, cada vez, pretende designar. (Heidegger, 2006, p. 37)

O pensador sugere para o leitor que as reflexões empreendidas pelos filósofos não dão conta da questão do ser. Sendo assim, as perguntas sobre o ser desde os gregos antigos precisam ser revistas. Um exemplo disso são as questões que associam o ser a uma noção mais universal, as quais acabam por se tornarem vazias, consoante a citação acima.

Em livro publicado recentemente, Oswaldo Giacoia Jr. oferta ao leitor uma série de reflexões sobre a obra de Martin Heidegger³. O filósofo brasileiro assevera que *Ser e tempo* é o trabalho fundamental do período que corresponde a "filosofia da juventude de Heidegger" (Giacoia Jr, 2013, p. 50). Giacoia Jr. diz ainda que o livro publicado em 1927 ocupa um espaço determinante no conjunto da reflexão filosófica do filósofo. É imperativo que se esclareçam o sentido dos conceitos e os problemas suscitados pela obra, pois ela enseja uma compreensão mais ampla da produção intelectual heideggariana. Isso posto, a ontologia fundamental que norteia a base de *Ser e tempo* é a

³ GIACOIA JR, Oswaldo. *Heidegger urgente*: introdução a um novo pensar. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

busca de uma desconstrução e construção da metafísica e a edificação da noção de finitude. Heidegger parte de uma "fenomenologia das estruturas fundamentais do ser-o-aí" (Giacioia Jr., 2013, p. 51).

Giacioia Jr. reporta-se à história da filosofia ocidental para lembrar ao leitor que os problemas e as questões suscitadas em relação ao ser, na realidade, segundo Heidegger, não são postas de forma plena. O pensador alemão, então, pretendeu em seu tempo retomar de modo radical a questão do ser. Tal ambição é justificada em razão da questão do ser não ter sido suficientemente pensada. Oswaldo Giacioia Jr. considera ainda que *Ser e tempo* pretende assinalar o tempo de maneira destacada para a compreensão do sentido e dos significados do ser. Nesse sentido, tal caminho é importante em nossa avaliação para as reflexões sobre o *ser-para-a-morte*.

As bases do pensamento fenomenológico de Heidegger estão intrinsecamente relacionadas à criação de um projeto de hermenêutica. O pensador construiu um pensamento hermenêutico que propugnava uma teoria para as pesquisas no campo das ciências humanas. Ele utilizou a palavra hermenêutica no contexto de investigação mais amplo com vistas a uma ontologia fundamental (Palmer, 2011, p. 129). Neste sentido, na historicidade e na temporalidade, Heidegger identificou pistas indicativas da natureza do ser tal como ele se revela na própria natureza⁴. Além disso, o filósofo alemão compreendia a facticidade do ser como sendo uma questão mais essencial.

Seguindo ainda as reflexões de Richard E. Palmer no livro intitulado *Hermenêutica*, pode-se informar que Heidegger proclamou que a fenomenologia abria-se para a historicidade. O desdobramento disso é uma das bases do pensamento do autor de *Ser e verdade* é que a fenomenologia pode revelar o ser na facticidade e historicidade. Daí mais uma vez poder se inferir que o tempo seja importante para se pensar a finitude e o *ser-para-a-morte*.

Posto isso, as reflexões de Heidegger em relação à morte ocorrem, sobretudo, ao longo dos anos de 1920. A morte é refletida tomando como base a possibilidade da existência. Logo, ela, além de revelar a finitude do ser, expressa a perspectiva do não ser. Ou seja, o ser que se desenvolve no mundo é temporal e finito, na medida em que é igualmente ontologicamente *ser-para-a-morte* (Giacioia Jr., 2013, p. 81). O *Dasein* é

⁴ Palmer crê que o tipo de fenomenologia desenvolvida em *Ser e tempo* pode ser designada como hermenêutica fenomenológica.

ainda a condição de ser-para-a-morte. Dito isso, a morte só pode ser assumida em primeira pessoa.

David R. Cerbone considera que Heidegger, ao pôr o *Dasein* diante do sentido da própria existência, acaba por revelar a experiência da angústia que gera a conturbação ao ser. Logo, por intermédio da angústia, o ser é colocado diante da inevitabilidade da morte. Todavia, a morte é representada por Heidegger, consoante Cerbone, como uma realidade distante. Neste sentido, o "ser-para-a-morte" faz com que a morte imprima aos seres humanos a condição da mortalidade (Cerbone, 2006, p. 97). O desdobramento disso, é o reconhecimento do *Dasein* aceitar a mortalidade como algo que lhe é intrínseco! Nas palavras do próprio Cerbone:

O ser-para-a-morte delinea completamente a estrutura do *Dasein* como um ser futuro, um ser que tem o tempo como oposto a uma entidade que meramente existe no tempo. O ser-para-a-morte impõe um limite para os "ainda não" do *Dasein*, tornando vívida a ideia de que planos e projetos indefinidamente propostos correm o risco de jamais serem realizados. (Cerbone, 2006, p. 101).

Diante disso, é possível expressar a morte como o limite do processo de construção do *Dasein*, através do tempo. O futuro pode significar a possibilidade e o limite para o *Dasein*. Por isso, Cerbone assevera que projetos concebidos no processo de construção da experiência podem não ser realizados !

Sobre o "ser-para-a-morte", Oswaldo Giacoia JR., considera que em Heidegger que o ser convive com a perspectiva de não ser. O ser-no-mundo temporal e finito, por conseguinte, é ontologicamente constituído o "ser-para-a-morte". O corolário, é que morrer é uma experiência única para cada ser, pois "a condição de ser-para-a-morte é o chamado do *Dasein* para a sua mais radical autenticidade" (Giacoia Jr., 2013, p. 82).

Martin Heidegger aborda a questão do ser-para-a-morte no primeiro capítulo da segunda seção de *Sere tempo*. No parágrafo quarenta e seis, o filósofo alemão põe em relevo a questão que ele denomina por: "o sentido ontológico da morte de quem morre enquanto uma possibilidade ontológica de seu ser, e não sobre o modo da copresença do ainda-ser-presença do finado junto aos que ficam" (Heidegger, 2012, p. 313). A morte é algo singular e inextricavelmente vinculada a cada ser⁵. Isso posto, em um sentido mais

⁵ Heidegger apresenta igualmente três teses sobre a morte: "1. Enquanto a presença é, pertence-lhe um ainda-não, que ela será - o constantemente pendente. 2. O chegar-ao-fim do ente que cada vez ainda está no fim (a superação ontológica do que está pendente) possui o caráter de não-ser-mais-presença. 3. O

lato, a morte vincula-se à dinâmica da vida, ou seja, não pode ser pensada desvinculada da caminhada do ser na facticidade e historicidade.

No que tange à ontologia da presença que se relaciona a uma possível ontologia da vida, Heidegger faz uma análise existencial da morte, elencando-a a uma "caracterização da constituição da presença" (Heidegger, 2012, p. 322). Além disso, a compreensão existencial da morte antecede a todo entendimento biológico ou à própria ontologia da vida. Sendo assim, a morte como fim da presença, ou seja, a eliminação do ser-no-mundo não significa para o autor de *Ser etempo* existência de um novo modo de ser após a morte (Heidegger, 2012, p. 323).

Na perspectiva adotada por Heidegger, no aspecto da ontologia da presença, a compreensão existencial da morte vincula-se a uma nomeação da constituição fundamental da presença. As reflexões sobre a morte precedem a ontologia da vida. O ser-para-a-morte é o antecipar pode-ser, no que concerne à sua possibilidade mais extrema (Heidegger, 2013, p. 339). Posto isso, como empregar a ideia de ser-para-a-morte desenvolvida por Heidegger no romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis ?

II. Memórias póstumas de Brás Cubas e o ser-para-a-morte.

A linguagem constitui uma importante fonte para o estudo de concepções filosóficas e religiosas. O texto literário permite ao pesquisador que se ocupa com temas religiosos compreender, com mais detalhes, o conjunto de ideias, sentimentos e costumes que nortearam a vida de um povo em um determinado momento histórico. Logo, podem-se propor as seguintes questões: O texto literário machadiano, diante da morte, expressa uma visão pessimista e sem abertura para o fenômeno religioso? Ou, ao contrário, diante da morte, ele exprime uma visão otimista com abertura para o fenômeno religioso? No pessimismo, Machado abre possibilidades para o religioso? No pessimismo, há um niilismo?

Em obra endereçada a um público maior, Alfredo Bosi faz inicialmente um inventário sobre a fortuna crítica e os críticos de Machado de Assis(1839-1908)⁶.

chegar-ao-fim encerra em si um modo de ser absolutamente insubstituível para cada presença singular." (HEIDEGGER, 2013, p. 316)

⁶ BOSI, Alfredo. *Machado de Assis*. São Paulo: Publifolha, 2002.

Seguindo ainda com Bosi, é necessário chamar a atenção sobre a representação do autor de *Quincas Borba* como um escritor que consagrava em sua obra valores universais, o que fez determinados críticos lhe atribuírem o rótulo de escritor alienado aos problemas nacionais. Tal crítica, todavia, foi perdendo força à medida que representavam Machado como escritor atento à realidade do seu tempo.

No prefácio do livro, *Um mestre na periferia do capitalismo: Machado de Assis*, Roberto Schwarz põe em relevo a ideia de que o autor de *Dom Casmuro* representava o escritor, por intermédio da ideia de que ele seria "homem do seu tempo e do seu país" (Schwarz, 2000, p. 9). O conjunto da produção literária e as narrativas machadianas foram fomentadas pela dinâmica e transformações da sociedade brasileira do século XIX e limiar do XX. A escrita e os códigos literários resgatam o processo histórico e é representado pelo escritor, através dos diversos personagens. Concomitante a isso, a prosa machadiana torna-se cada vez mais detalhista e recheada de ironias! Há de se acrescentar que, no conjunto da sua produção literária, o escritor sutilmente desvela para o leitor uma série de temas e problemas que determinaram a realidade brasileira⁷.

A produção literária de Machado é composta, em muitas passagens, de ironias e pessimismos que revelam ao público, em alguns momentos, um escritor cético e pessimista. Sendo assim, a construção da narrativa⁸ em *Memórias póstumas de Brás Cubas* revela ao leitor conteúdos sobre o valor e o sentido da vida. A personagem principal, Brás Cubas, deixa patente para o leitor, de modo irônico e cético, que a sua vida transcorreu de forma medíocre e sem sentido! Há de se acrescentar que as representações e as narrativas do defunto autor estão impregnadas de uma série de reflexões que colocam em questão e dúvida os valores morais e até o sentido da vida em um país recém-emancipado cuja economia era sustentada pelo trabalho escravo.

No livro intitulado *Machado de Assis na literatura brasileira*, Afrânio Coutinho discute as possíveis influências filosóficas e estéticas no que diz respeito à escrita machadiana⁹. Coutinho propõe que a pesquisa das leituras empreendidas pelo escritor ao longo dos anos favoreceram ao estudioso compreender as influências literárias recebidas

⁷ Machado de Assis criou, na verdade, uma série de representações históricas, filosóficas e religiosas, por intermédio de narrativas literárias que expressam em nossa avaliação uma visão cética "temperada" por uma mordaz ironia.

⁸ Narrado em primeira pessoa.

⁹ COUTINHO, Afrânio. *Machado de Assis na literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Academia de Letras, 1990.

pelo escritor. O autor de *Dom Casmurro* foi muito influenciado por autores da literatura engendrada na Europa¹⁰. Isso posto, nenhum escritor, por mais que se reconheça o seu talento singular pode ser entendido de modo desvinculado do seu contexto histórico.

Sobre a presença de concepções filosóficas na obra machadiana, pode-se dizer, em primeiro lugar, que Coutinho assinala de forma veemente o papel exercido pela filosofia de Pascal. Tal filosofia aquilatou a visão de vida do escritor fluminense. Todavia, nas concepções de vida do autor de *Esau e Jacó*, estiveram presentes visões que estavam em consonância com a filosofia de pensadores como Michel de Montaigne, Arthur Schopenhauer e Friedrich Nietzsche. O universo filosófico presente na obra machadiana é, na realidade, amplo, na medida em que é composto por princípios filosóficos diversos. Estes, portanto, precisam ser melhor investigados, porque eles podem favorecer o pesquisador na compreensão das ideias religiosas na obra de Machado.

As representações que apontam Machado de Assis como pessimista e cético estão cada vez mais presentes na fortuna crítica sobre o escritor. O ceticismo e o pessimismo, por conseguinte, atribuídos ao escritor acabam por ser estendidos às representações religiosas criadas pelo autor. Tal vertente de interpretação acaba por ser uma espécie de obstáculo para o reconhecimento da importância da religião nas narrativas machadianas. Torna-se necessário, portanto, pôr em suspeição a tese de que Machado de Assis foi um escritor pessimista e cético, ainda que se possa concordar que tal tese ainda não esteja totalmente superada. Posto isso, como empregar a ideia de ser-para-a-morte de Heidegger como uma possível chave de leitura do romance *Memórias póstumas de Brás Cubas*? A ideia de ser-para-a-morte permite compreender o texto literário machadiano como expressando uma visão pessimista e sem abertura para o fenômeno religioso? Ou, ao contrário, o ser-para-a-morte permite compreender a escrita literária como, representando uma concepção otimista com abertura para o fenômeno religioso?

No livro intitulado *Brás Cubas em três versões: estudos machadianos*, Alfredo Bosi indica que Machado de Assis põe em prática uma narrativa centrada na primeira pessoa. O escritor construiu, por intermédio de Brás Cubas (defunto autor), todo o

¹⁰ Coutinho considera importante as pesquisas em torno da literatura comparada no que concerne à compreensão da estética e da escrita machadiana. Neste sentido, Machado recebeu a influência de Rabelais, Montaigne, Shakespeare, Cervantes, dentre outros.

enredo do romance (Bosi, 2006, p. 8). O *defunto autor*, sem as amarras da vida, expõe os principais momentos de sua trajetória e, ainda, peculiaridades da vida econômica, social, política e cultural do Brasil imperial (1822-1889). As narrativas empreendidas por Brás (personagem principal) estão impregnadas de uma série de reflexões que colocam em questão e dúvida os valores morais e até o sentido da vida em um país recém-emancipado cuja economia era sustentada pelo trabalho escravo.

Valentim Faccioli¹¹ informa ao leitor que a obra que tinha um defunto como narrador foi redigida entre 1878 e 1880. Faccioli afirma que as memórias apresentam como principal característica literária o uso do foco narrativo em primeira pessoa (Faccioli, 2002, p. 65). A narrativa do enredo inicia-se pelo fim, pois o narrador e protagonista do romance já estava condição defunto. Os primeiros nove capítulos apresentam para o leitor o contexto e as causas que levaram a óbito a personagem principal. Logo, a pneumonia adquirida por ocasião da invenção do “Emplasto Brás Cubas”, medicamento inventado para combater a melancolia humana, foi a causa imediata da morte de Brás. A visita de Virgília (provavelmente, o grande amor da vida de Brás), bem como os delírios e sonhos que ainda prendiam a personagem à vida fazem parte destes primeiros momentos da narrativa. Contudo, a partir do décimo capítulo, a narrativa segue outra perspectiva, ou seja, partindo do nascimento até atingir o momento da fase adulta da personagem. O corolário disso é a apresentação de uma série de passagens da vida Brás que representam, segundo a própria personagem, uma vida vazia de sentido.

Diante disso, é possível considerar que Brás Cubas tem a condição de um Ser-no-mundo temporal e finito. A narrativa machadiana em *Memórias póstumas* conduz o leitor a conhecer a trajetória do protagonista que consoante o *Ser e tempo* de Heidegger é um ser para-a-morte. Brás, na condição do *Dasein*, assume a sua mais radical autenticidade. Nesse sentido, não só a sua trajetória de vida, como também a sua morte são experiências únicas.

No momento derradeiro de sua partida e tomado por delírios, Brás convive com uma série de imagens que poderiam ser associadas a uma possível circunstância de pós-morte. Ele narra passagens da história humana, bem como figuras e imagens religiosas. Brás, contudo, sente-se impotente perante natureza e o caminhar da vida que estava

¹¹ FACIOLI, Valentim. *Um defunto estrambótico: análise e interpretação das Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Nankim Editorial, 2002.

terminando para ele. Tal apelo revela que Brás como um ser-para-a-morte vive a angústia dos homens que se deparam com uma experiência única que é o momento da morte. Há de se acrescentar que, nesse momento, há a concretização do Ser-no-mundo temporal e finito. Posto isso, a personagem machadiana em questão abre-se para o fenômeno religioso, embora indicando ao leitor representações pessimistas diante da morte.

Referências Bibliográficas

Fontes primárias

ASSIS, Machado. Memórias póstumas de Brás Cubas. In: _____. *Obras completas*. Organização de Afrânio Coutinho. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.

_____. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: W.M. Jackson, 1938.

Fontes secundárias

BOSI, Alfredo. *Machado de Assis*. São Paulo: Publifolha, 2002.

_____. *Brás Cubas em três versões: estudos machadianos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

CERBONE, David. *Fenomenologia*. Petrópolis: Vozes, 2012.

FACIOLI, Valentim. *Um defunto estrambótico: análise e interpretação das Memórias póstumas de Brás Cubas*. São Paulo: Nankim Editorial, 2002.

GIACOIA JR., Oswaldo. *Heidegger urgente: introdução a um novo pensar*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.

HEIDEGGER, Martin. *Ser e tempo*. Petrópolis: Vozes; Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco, 2012.

PALMER, Richard E. *Hermenêutica*. Lisboa: Edições 70, 2011.

SCHWARZ, Roberto. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Editora 34, 2000.